

ELMORE LEONARD

RAYLAN

Tradução:
GEORGE SCHLESINGER



Copyright © 2012 by Elmore Leonard, Inc.
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:
Raylan

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa:
Arte de FX Creative e The Refinery Creative.
Foto de Robert Zuckerman e Todd MacMillan

Preparação:
Maria Fernanda Alvares

Revisão:
Carmen T. S. Costa
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Leonard, Elmore
Raylan / Elmore Leonard ; tradução George Schlesinger. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: Raylan.
ISBN 978-85-359-2340-7

1. Ficção policial e de mistério (Literatura norte-americana) I. Título.

13-09968

CDD-813.0872

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério : Literatura norte-americana 813.0872

2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

1

Raylan Givens segurava um mandado federal para intimar um homem do comércio de maconha conhecido como Angel Arenas, quarenta e sete anos, nascido nos Estados Unidos, mas cem por cento hispânico.

“Eu o conheci”, Raylan disse, “na época em que trabalhava no tribunal de Miami, e ele foi detido por vender khat. Aquela planta árabe que você masca e dá barato.”

“Só meio barato”, Rachel Brooks disse, no banco dianteiro do suv, Raylan guiando, o sol das primeiras horas da manhã nas costas deles. “A moda do khat está pegando, cultivado na Califórnia, forte em San Diego entre africanos de verdade.”

“Quando você compra, precisa ter certeza de que foi colhido naquela mesma manhã”, Raylan disse. “Deixa você chapado pelo resto do dia, e pronto.”

“Tenho uns amigos”, Rachel disse, “que gostam de mascar de vez em quando. Eles nunca ficam bobões, só se divertem. Só ficam molengas aparentemente.”

“Como se estivessem sonhando”, Raylan disse.

“E o que foi que o Angel cumpriu?”

“Trinta e seis meses de quarenta, e voltou a vender fumo. Violou a condicional. Era para ele ter feito um negócio por meio daquele rastafári que dirigia a Igreja?”

“Templo do Bacana e Belo jc”, Rachel completou. “Israel Fendi, com os dreads, etíope com jeito da Jamaica. Ele estava no negócio?”

“Não chegou nem perto. Mas alguém jogou a coisa pra

cima do Angel, algum traficante querendo fazer acordo. Ele jura que o Angel ia mandar pegar uma remessa na noite passada. Duvido que a gente entre e encontre o Angel com a coisa na mão.”

Do banco traseiro veio a voz de Tim Guterson: “Des- ta vez ele vai encarar duzentos e quarenta meses”. Tim, fo- lheando o arquivo com fotografias de Angel Arenas, parou numa foto de fichamento.

“Olha só esse sorrisinho. Nada diz que ele é armado e perigoso.”

“Ele nunca carrega nada”, Raylan disse, “eu sei. Nem tem bandidões armados por perto.”

O suv viajava por uma área baixa no leste de Kentucky, arrastando-se atrás dos rádios dos carros da polícia esta- dual, seguindo um lago que mais parecia um rio repleto de curvas descendo até cruzar a divisa do Tennessee. Al- guns minutos antes das seis da manhã, eles encostaram no Cumberland Inn.

Os guardas estaduais, quatro deles, assistiram a Raylan e sua equipe se metendo nos coletes de *kevlar*, por baixo da jaqueta de delegados federais, e observaram quando eles examinaram suas armas. Raylan disse aos policiais que não esperava que Angel fosse resistir, mas nunca se sabe ao certo. Disse: “Se ouvirem tiros, entrem correndo, certo?”.

Um dos policiais disse: “Se quiser, a gente derruba a porta para você”.

“Vocês estão loucos para fazer isso”, Raylan respon- deu. “Pensei em parar na recepção e pegar uma chave.”

Os guardas curtiram o jeito desse delegado, que já ti- nha sido mineiro de carvão em Harlan County, mas que soava como homem da lei em sua atitude em relação ao serviço. Naquela manhã o viram entrar no quarto de motel de um criminoso sem sacar a arma.

Não havia som nenhum, a não ser o zumbido do ar-con- dicionado. Raios de sol entrando pelas janelas se esparra- mavam sobre a cama *king-size*, desfeita, a roupa de cama desarrumada, uma bagunça de lençóis e travesseiros. Raylan

virou-se para Rachel e com um meneio indicou a cama. Depois dirigiu-se para a porta do banheiro, não totalmente fechada, escutou e então a escancarou.

A cabeça de Angel Arenas estava apoiada na borda curva da banheira, o cabelo flutuando na água que passava pelo seu queixo, os olhos fechados, o corpo nu esticado dentro da banheira cheia quase até a borda de pedacinhos de gelo numa água rosada.

Raylan disse: “Angel...?”. Não obteve resposta e ajoelhou-se junto da banheira para sentir o pulso de Angel no pescoço. “Ele está morrendo congelado, mas ainda respira.”

Atrás dele, ouviu Rachel dizendo: “Raylan, a cama está cheia de sangue. Como se ele estivesse matando galinhas em cima dela”. E aí ouviu-a dizer: “Ai meu Deus”, segurando a respiração ao ver Angel.

Raylan abriu a tampa para deixar a água sair, baixando o nível em volta de Angel, a barriga virando uma ilha na banheira de água gelada, sangue aparecendo em dois lugares da ilha.

“Fizeram alguma coisa com ele”, Raylan disse. “Ele tem grampos fechando o que parecem ser ferimentos. Ou será que foi operado?”

“Alguém atirou nele”, Tim disse.

“Não creio”, Raylan retrucou, fitando as duas incisões fechadas com grampos.

Rachel disse: “Foi isso que fizeram com a minha mãe no ano passado, no Hospital Universitário de Kentucky. Fizeram uma incisão por baixo das costelas e a outra sob o umbigo. Perguntei por que fizeram assim em vez de entrar pelas costas”.

Tim disse: “E você vai nos contar que operação foi?”.

“Tiraram os dois rins dela”, Rachel respondeu. “Ambos, e ela recebeu um par quase novo no mesmo dia, de uma criança que tinha se afogado.”

Embrulharam Angel num cobertor, carregaram-no até o quarto e o deitaram no colchão, o homem tremendo, tentando respirar. Com os olhos fechados, ele disse a Raylan, que o encarava: “O que aconteceu comigo?”.

“Você está aqui fazendo negócio?”

Angel hesitou. “Dois caras que eu conheço, que plantam. Tomamos uns goles...”

“E você acaba na banheira”, Raylan completou. “Quanto você pagou?”

“Não é da sua conta.”

“Deixaram o fumo?”

“O que você está vendendo”, Angel respondeu.

“Não vejo fumo nenhum aqui.”

Os olhos de Angel se abriram. “Comprei cinquenta quilos, vinte e dois mil dólares. Eu vi, até provei.”

“Eles te deram um chapéu”, Raylan disse. “Apagaram você e foram embora com a grana e o bagulho.”

Agora seus olhos se fecharam, e ele disse: “Cara, está doendo”, a mão sob o cobertor apalpando a barriga. “O que foi que eles tiraram de mim?”

Raylan tomou seu pulso outra vez. “Ele está aguentando, que durão esse..., seja ele o que for, meio riquinho? Posso ver os plantadores rasgando a barriga dele, mas por que tirariam os rins?”

“É a velha história”, Tim disse. “O cara acorda com um rim faltando. Não tem a menor ideia de quem tirou. De vez em quando comentam sobre isso, mas ninguém nunca provou que aconteceu.”

“Agora aconteceu”, Raylan disse.

“Não dá para viver sem os rins”, Tim replicou.

“Difícil”, Raylan concordou. “A menos que você vá depressa para diálise. O que não entendo, o que é que esses plantadores de maconha estão fazendo ao tirar os rins das pessoas. Não estão ganhando a vida vendendo fumo? Já ouvi falar de um cadáver inteiro, mas uma parte de cada vez sendo vendida? Dá para tirar até uns cem mil. Mas você ganha mais vendendo bastante fumo, e não chega nem perto da sujeira que é negociar rins. O que eu me pergunto é...” Fez uma pausa, pensando no assunto.

Tim disse: “É...?”.
“Quem fez a cirurgia?”

Por volta do meio-dia, Art Mullen, delegado encarregado do escritório de campo de Harlan, chegou ao motel para encontrar Raylan ainda fuçando pelo quarto.

Art disse: “Você sabe o que está procurando?”.

“Os técnicos espanaram o local”, Raylan respondeu, “pegaram as roupas de Angel, a roupa de cama suja de sangue, os grampos cirúrgicos, um malote de correio vazio, mas nada de rins. Como é que o Angel está?”

“Botaram ele na UTI, mantendo vivo.”

“Ele vai conseguir?”

“Acho que o que o mantém vivo”, Art disse, “é que ele está louco da vida com esses traficantes que o rasgaram. Pegaram a grana que ele pagou pela muamba — se você acredita nele — e o deixaram morrendo.”

“Não mencionou”, Raylan disse, “quem pegou os rins?”

“Fiquei insistindo com ele”, Art respondeu. “Vamos, diga quem são os rapazes, e nós vamos lá pegar os rins de volta para você.’ Ele começou a respirar forte e a enfermeira me mandou sair. Não, mas os rins dele”, disse Art, “foram tirados por alguém que sabia o que estava fazendo.”

Raylan disse: “Eles foram tirados pela frente”.

“Eles sempre são tirados pela frente. Só que foi um procedimento de último tipo. Incisão mínima e sem cortes através de nenhum músculo.”

“Eu gostaria de ver o Angel”, Ryan disse, “a não ser que você não queira. Eu o conheço desde aquela vez que foi detido vendendo khat. Na época em que estava a serviço do tribunal em Miami. Angel e eu nos entendemos muito bem”, Raylan completou. “Acho que ele pensa que eu salvei a vida dele.”

“Você provavelmente salvou.”

“Então talvez ele esteja disposto a conversar comigo.”

“Ele está na Regional de Cumberland”, Art disse. “Tal-

vez deixem você vê-lo, talvez não. Onde estão seus parceiros?”

“Não havia nada de urgente, então eu disse para voltarem a Harlan.”

“Eles levaram o SUV; como é que você vai se arranjar?”

“Temos a BMW do Angel”, Raylan disse, “não temos?”

Angel estava deitado de costas, olhos fechados. Raylan se abaixou, chegando perto, tirou o cabelo de Angel do rosto, sentiu o cheiro de hospital e disse num sussurro: “Aqui é o seu velho amiguinho do tribunal de Miami, Raylan Givens”. Os olhos de Angel se abriram. “Daquela vez em que você dançou vendendo khat.”

Agora parecia que Angel estava tentando dar um sorriso.

“Você sabia”, Raylan prosseguiu, “que eu salvei sua vida esta manhã? Mais cinco minutos naquela água fria e você morreria congelado. Agradeça a Deus por eu ter chegado a hora que cheguei.”

“Para quê, para me prender?”

“Você está vivo, companheiro, e isso é o principal. Talvez um pouco pálido, e só.”

Pálido — ele parecia morto.

“Eles ligaram meu braço numa máquina”, Angel disse, “que tira as impurezas do meu sangue e me mantém vivo pelo máximo de tempo possível, enquanto espero por um rim. É isso ou um parente, um irmão, que queira me dar um rim.”

“E você tem irmão?”

“Tenho alguém melhor.”

Agora sorrindo. Ele estava sorrindo, e Raylan disse: “Você sabe que eu não vou dizer onde você vai conseguir o rim, você não quer que eu diga”.

“Todo mundo no hospital sabe”, Angel disse. “Eles me mandaram um fax. Dá para acreditar? A enfermeira entra e lê para mim. Tanya, é o nome dela. Ela é muito fina, uma

pele que você sabe que é macia de tocar. Tanya, cara. Perguntei a ela se ela quer ir comigo para Lexington quando estiver melhor. Sabe, sempre gostei de enfermeiras. A gente não precisa ficar dizendo muita baboseira.”

“O fax”, Raylan insistiu. “Você consegue comprar o seu rim de volta por quanto?”

“Cem mil”, Angel disse. “É isso que estão pedindo. Dá para imaginar os culhões desses caipiras? Ontem à noite eles levaram um cirurgião para tirar a porra dos meus rins e me rasgar duas vezes, contando o que me roubaram. Dizem que mesmo que eu queira só um rim vai custar cem mil.”

Raylan disse: “O hospital sabe o que está acontecendo?”.

“Eu já disse, todo mundo sabe, os médicos, as enfermeiras, Tanya. Eles mandam o fax, aí um deles liga para o hospital e faz os arranjos. Ninguém sabe quem enviou os rins.”

“O hospital sabe que são seus?”

“Você não consegue enfiar isso na sua cabeça?”

“E concordam com tudo?”

“Ou senão me deixam morrer? Não são eles que estão pagando pelos rins.”

“Quando você precisa aparecer com o dinheiro?”

“Disseram que vão me dar um tempo, uma semana ou algo assim.”

“Você conhece os rapazes — me diga quem são.”

“Eles me matam. Não tem pressa, a gente chega lá.”

“E você pega seus rins de volta”, Raylan disse. “Acho que nunca ouvi uma história dessas. Você sabe que o hospital chamou a polícia.”

“A polícia já conversou comigo. Eu disse que não conheço os caras. Nunca vi antes.”

“Nem sabe quem está dizendo a eles o que fazer?”, Raylan indagou.

Angel fitou Raylan. “Não estou entendendo.”

“Você acha que foram seus caras que inventaram esse jeito novo de faturar? Eles podem pegar qualquer um na

rua”, disse Raylan, “enquanto o médico fica preparando a cirurgia. Por que seriam seletivos e esperariam aparecer um traficante de drogas?” Raylan parou. Depois disse: “Se quiser, eu ajudo você”.

“Ajuda para quê? Você achou algum produto naquele quarto de motel? Cara, eu sou vítima de um crime, e você quer me foder e me pôr na cadeia?”

Por fim, chegaram a um ponto, Angel numa maca a caminho da sala de cirurgia, Raylan grudado nela dizendo: “Me dá um nome. Juro pelo meu distintivo que você não vai ter de pagar por nenhum deles”.

Observou Angel sacudindo a cabeça e dizendo: “Você não conhece essa gente”.

“Vou conhecer, se você me disser quem são.”

“Você precisa entrar no mato para achá-los.”

“Amiguinho, é isso que eu *faco*.” Chegaram numa porta dupla oscilante. “Eu ligo para Lexington com os nomes e eles me mandam as fichas por e-mail. Pode ser até que eu conheça os caras.”

“Eles plantam bagulho”, Angel disse, “daqui até a Virgínia Ocidental.”

Imediatamente Raylan disse: “São os Crowe, não são?”.